

Sobre a morte de um herói ^{Domingo} 2/2/03

Costumava "Samora" dizer que um herói não se definiu apenas pela morte em combate e talvez mais importante do que isso, o heróismo encontrava-se sobretudo no modo como se vivia.

Nas últimas semanas elementos ligados aos serviços do "apartheid" especializados no crime declararam à comunicação social sul-africana, haverem estado associados ao assassinato de Samora.

Em 20 de Outubro de 1986 comecei a adquirir a convicção de que acções criminosas de natureza electrónica haviam provocado o despenhar do TU 134 presidencial.

1. A 20 de Outubro de 1986, cerca das 6 da manhã, o Ministro Pik Botha telefonou para minha casa, aonde chegara para tomar um duche e mudar de farda e informou-me que o avião caíra no Natal e receava que o Presidente perecera. Respondeu positivamente à minha pergunta de que podíamos enviar uma equipa para a zona. De imediato, desloquei-me ao edifício do CC onde se encontrava a direcção do Partido e do Estado, depois de informar o General Panguene da situação e pedir-lhe para se suspenderem as buscas. A Direcção ordenou-me seguir para o local, organizei o helicóptero MI 8 do Presidente e um Antonov 26, convoquei o Ministro Lousã, da Aviação Civil, o Vice-Ministro da Saúde, Fernando Vaz, o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, João Honwana, diversos colegas do Governo e das Forças Armadas, vários jornalistas, lembro-me do Carlos Cardoso, fotógrafos, como o Kok Nam. Prestes a descolar falo de novo com Pik Botha para indagar do sítio exacto para onde me dirigir e este diz-me para seguir para Transvaal, a informação Natal não passava de um erro. A minha pergunta sobre o local no Transvaal, respondeu-me, Komatipoort. Descolei cerca das 8.00.

2. Quando aterrámos poucos minutos depois em Komatipoort, encontrámos um funcionário bem subalterno da polícia que nada sabia e aparentava uma boa surpresa diante das aeronaves. Pedi-lhe para entrar em contacto com os seus superiores. Já perto das 11.00 horas disse-me que ia chegar um superior. Aproximava-se o meio-dia quando aterrou um helicóptero com o Comandante Geral da Polícia, o General Cotzee. Conhecia-o de várias reuniões da Comissão Mista de Segurança. O General diante dos meus colegas do Governo e das Forças armadas, cumprimenta-me e diz, sem qualquer hesitação ou ambiguidade, "ministro, as minhas condolências, identifiquei o corpo do Presidente Machel, tomei a liberdade de, no sítio em que o encontrei, por o corpo num caixão e saiba que "a minha gente diz que é necessário procurar um sinal electrónico no local" (utilizou os termos "to look for some beacon over there" que se vê ter desviado o avião. O Ministro Botha chegará em breve. O ministro aterrou perto das 14.00 horas. Em Mbuzine não encontrámos militares. Dias antes o General Malan havia declarado a zona como de ocupação militar. Os sobreviventes como populações vizinhas confirmaram a presença dos militares e a sua substituição por polícias, entre o momento do acidente e da minha chegada.

3. Antes do funeral do Presidente quando e de acordo com as normas da IATA e em coordenação com o Governo sul-africano (país em que ocorrera o evento) e soviético (país que fabricara a aeronave) acordávamos sobre os procedimentos do inquérito, sucessivamente, em separado e nesta ordem, na mesma manhã, os embaixadores britânico (este apenas pelo telefone) e americano, oficialmente e por instrução específica dos seus governos contactaram-me para me dizer, "que em nenhuma circunstância queriam participar no inquérito". Em ambos os casos confessei a minha surpresa pois que não havendo nem ou outro produzido o avião e não havendo o acidente ocorrido em qualquer desses países, pelas normas internacionalmente vigentes não havia qualquer razão que fundamentasse a comunicação. Só havia uma leitura diplomática possível: "ambos conheciam as causas reais do acidente e porque os seus interesses impediam condenar um acto terrorista do Estado sul-africano, quando se opunham a essa iniciativa nas Nações Unidas, não queriam estar envolvidos, todavia não desejavam aparecer como cúmplices activos do crime, pelos equipamentos fornecidos que haviam facilitado o crime"

Estes dados conjugados com os elementos obtidos enquanto prosseguiu o inquérito arreigaram a minha convicção de que estávamos perante um acto de terrorismo de Estado. Esperei sempre que alguns dos participantes menores no crime cedo ou tarde, começassem a falar. Parece estar a acontecer.

Por razões muito alheias à busca da verdade e da Justiça, alguma comunicação social e algumas pessoas, sempre procuraram ilibar o "apartheid" e culpabilizar os moçambicanos, particularmente a direcção da FRELIMO e do Estado. Neste 3 de Fevereiro e pese as declarações do Inspector da PIDE Casimiro Monteiro que, publicamente reconheceu haver organizado o assassinato de Mondlane depois de haver liquidado o General Delgado, os mesmos continuam a acusar terceiros ilibando os carrascos. Busca de sensacionalismo, sim, de protagonismo para novas carreiras de fracassados, sem dúvida, mas sobretudo, ausência de pundonor e idoneidade.

O meu abraço à verdade e justiça e o meu respeito aos Heróis.

Sérgio Vieira

P.S. Pergunto-me com vergonha e raiva se não haverá limites para as infâmias de alguns ditos atletas ou chefes do desporto nacional, pois parece que uma enorme mafia de silêncio e cumplicidade os protege.

Prisões por furto, em supermercados no estrangeiro, falsificação de idades e marcas e agora a tudo coroar, violação de menores e crianças.

Moçambicanamente digo BASTA e retirem o passaporte a esses cidadãos indignos, que as Federações os irradiem por toda a vida, pois eles maculam a dignidade dos nossos atletas e desportistas que merecem melhor. Estamos bem longe do comportamento dos nossos miúdos da natação que acabam de prestigiar o país, felicitos-os e um abraço à honradez.